
Representação, diversidade e liberdade de expressão no jornalismo das periferias¹²

Bárbara Maria Santos de LIMA³
Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, SP

RESUMO

Parte de uma pesquisa de Mestrado em curso na Universidade Anhembi Morumbi, este artigo propõe reflexões sobre o jornalismo periférico como espaço de ampliação e diversificação de representações de grupos historicamente marginalizados, reposicionando sua visibilidade no espaço público. Para tanto, examinamos, em caráter exploratório, exemplos de coberturas extraídas de mídias periféricas, comparando-as com coberturas do jornalismo de referência. Compreendemos a emergência de produções jornalísticas que abordam o cotidiano das periferias a partir de perspectivas periféricas como fenômeno que remete ao alargamento e redefinição do debate sobre liberdade de expressão, cada vez mais considerada como ideal que pode ser alcançado apenas em face de um debate público plural, inclusive e diverso.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo periférico; representação; discurso; diversidade; liberdade de expressão.

Introdução

Segundo um levantamento feito pelo IBGE e o *Quero Bolsa*, entre 2010 e 2019, o número de alunos negros no ensino superior cresceu quase 400%. Os negros chegaram a 38,15% do total de matriculados, percentual ainda abaixo de sua representatividade no conjunto da população – 56%, segundo a Agência Brasil (COSTA, 2020, *online*).

Mais especificamente, quando discutimos o papel de pessoas negras dentro do jornalismo, dados fornecidos pela *Abraji* (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo) e *Perfil do Jornalista Brasileiro* mostram que os profissionais negros e pardos não passam de um quarto de total de profissionais das redações.

Esses dados indicam que, ainda que a porcentagem seja irrisória, camadas historicamente marginalizadas da população ganham, paulatinamente, espaços em diferentes setores de atividade. Como veremos neste artigo, o chamado “jornalismo

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Mídias e Liberdade de Expressão, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

³ Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi (PPGCOM-UAM), com bolsa CAPES, sob orientação da Profa. Dra. Nara Lya Cabral Scabin. Graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela mesma instituição. Integrante do Grupo de Pesquisa RISOMídia – Representações. Mediações e Humor na Cultura Audiovisual (CNPq/UAM). E-mail: bbarbaralima@gmail.com.

periférico” ou “jornalismo das periferias – extrato do jornalismo alternativo, caracterizado pela produção de pautas centradas nas realidades de bairros periféricos de grandes cidades (MARTINI, 2018) – coloca-se na esteira dessas transformações, permitindo que populações que habitam as bordas de grandes cidades, tradicionalmente representadas de forma negativa e estigmatizada nos veículos de comunicação, construam novas representações e façam sua voz ser ouvida.

Nesse sentido, são evidentes o peso e a importância da forma como os diferentes grupos sociais são representados em discursos em circulação, à medida que ganham espaço reivindicações por mais diversidade e representatividades nos meios de comunicação. Como nos Stuart Hall (2016), as representações conectam-se à cultura por meio da linguagem e produzem efeitos de poder ao fundar subjetividades; nesse sentido, lutas identitárias geram visibilidade, e a visibilidade leva ao reconhecimento. É justamente o que minorias buscam, como pessoas negras e populações periféricas: serem reconhecidos nos discursos sociais, por meio de representações dignificantes nos meios de comunicação. O jornalismo periférico surge, então, para preencher esta lacuna deixada pelo chamado “jornalismo de referência” (ZAMIN, 2014).

Dessa forma, a emergência e crescimento de produções jornalísticas que abordam o cotidiano das periferias, dando voz a seus habitantes, remetem ao próprio alargamento e redefinições do debate sobre liberdade de expressão na contemporaneidade. Isso porque o entendimento de liberdade de expressão em perspectiva puramente “negativa” – isto é, liberdade como simplesmente sinônimo de ausência de censura – mostra-se insuficiente para dar conta de novas demandas por representatividade e reconhecimento; em lugar disso, como aponta Barendt (2009), é preciso considerar a liberdade de expressão como ideal que pode ser alcançado apenas em face de um debate público plural, inclusive e diverso.

Diante dessas considerações iniciais, o presente artigo, parte de uma pesquisa de Mestrado atualmente em curso na Universidade Anhembi Morumbi, busca traçar reflexões sobre o jornalismo periférico, comparando-o ao jornalismo de referência, considerando aspectos que caracterizam os dois tipos de cobertura em nossa sociedade. As análises, de forma exploratória e não sistemática, considerarão conteúdos produzidos por veículos periféricos para plataformas digitais e produções do jornalismo de referência (e, mais especificamente, do telejornalismo, já que nosso foco recai prioritariamente sobre conteúdos audiovisuais) recuperadas por meio de acervos online.

Assim, ao longo do trabalho, propomos refletir sobre a hipótese de que o jornalismo periférico, ao dar voz a setores sociais historicamente marginalizados, contribui para a ampliação da liberdade de expressão em nossa sociedade.

Jornalismo, discurso e representação

Um conceito-chave para abordar a problemática em foco nesta pesquisa é o “discurso circulante” (CHARAUDEAU, 2010, p. 116), que corresponde a uma prática pela qual pessoas com os mesmos ideais, gostos e cultura se juntaram por uma causa, combinando afinidades. Segundo Patrick Charaudeau: “O discurso circulante é uma soma empírica de enunciados com visada definicional sobre o que são os seres, as ações, os acontecimentos, suas características, seus comportamentos e os julgamentos a eles ligados”.

Como apontam Gomes e Cabral (2011), é por meio dos discursos circulantes que o jornalismo conecta-se com o que se costuma perceber como “opinião pública”. É também nos discursos em circulação na sociedade que se constroem representações, muitas vezes contestadas ou disputadas, em torno dos diversos grupos sociais. Assim, a escolha de produtos jornalísticos como suporte a partir do qual se torna possível recuperar discursos e representações justifica-se pela possibilidade de compreender o posicionamento dos próprios veículos de imprensa na complexa malha discursiva que constitui o debate público contemporâneo.

Dessa forma, esperamos compreender o papel desempenhado pelo jornalismo (e, sobretudo, pelo jornalismo periférico) na mediação dos discursos sociais, na concessão de visibilidade a diferentes grupos e demandas políticas, na colocação de discursos em circulação, na tradução de discursos provenientes de diferentes campos sociais – em suma, no desempenho de sua função democrática de construir um espaço para a discussão dos temas de interesse público, conforme o direito de todos os cidadãos à informação.

Em relação à constituição e natureza do discurso jornalístico, é preciso observar, conforme Charaudeau (2010), que as mídias possuem natureza compósita, sendo atravessadas por forças de diferentes naturezas: sua função cidadã ou simbólica; a demanda comercial que caracteriza as empresas de mídia; o atravessamento por interesses, pressões e influências políticas. Além disso, não se pode dizer que as mídias

transmitem o que ocorre na realidade social. Elas, em lugar disso, impõem o que constroem do espaço público.

Isso porque a linguagem apresenta sua própria opacidade. Por conseguinte, as notícias constroem uma “imagem fragmentada do espaço público”, “uma visão adequada aos objetivos das mídias, mas bem afastada de um reflexo fiel”. Por isso, Charaudeau diz que as mídias compõem “vários espelhos deformantes ao mesmo tempo”, cada um mostrando, embora com deformações, fragmentos simplificados do mundo social (CHARAUDEAU, 2010, p. 20).

Ao mesmo tempo, o próprio espaço público, assinala Charaudeau (2010), é composto, comportando práticas diversas, sendo algumas de linguagem, algumas de ação, outras de troca e organização em grupos de influência. Isso ocorre em todas as esferas que caracterizam as sociedades democráticas, isto é, nas esferas do político, do civil e das mídias. Os atores de cada uma delas constroem uma visão parcial do espaço público, como uma representação que tomaria o lugar da realidade.

Indo além, é fundamental considerar os efeitos de poder implicados no próprio discurso e, em nosso caso, no discurso jornalístico. Isso porque é via discurso que as regulações – para além da materialidade de sua atualização na vida – se estabelecem e conservam. Nas palavras de Gomes, “os discursos se erigem em fundamento e justificativa para as regras; enquanto as expressam também as legitimam, porque desde a origem no signo o efeito é o da produção de significações: as significações que conferem sentido ao mundo e a nós” (GOMES, 2003, p. 41).

Nesse sentido, a fim de compreender a imbricação entre discurso e poder, é conveniente invocar também o conceito de “violência simbólica”. Como aponta Pierre Bourdieu, o campo de produção simbólica é parte da luta social, e os grupos dominantes buscam legitimar sua dominação por meio da produção simbólica. Nesse sentido, coloca-se o conceito de violência simbólica, aquela “que é exercida sobre um agente social com sua cumplicidade” (BOURDIEU; WACQUANT, 1992, p.167). No caso das tensões entre jornalismo de referência e populações periféricas, é fundamental lembrar que veículos tradicionais, especialmente por meio de programas televisivos, constroem representações estigmatizantes sobre esses grupos, vinculando-os constantemente à criminalidade e violência - representações estas que corroboram a violência policial e ausência do Estado nas periferias.

Ocorre, assim, por meio da violência simbólica, a imposição de categorias de pensamento, percepção e apreciação sobre agentes sociais dominados, que passam a entender a ordem social como legítima. Logo, dar voz a grupos marginalizados e promover sua representação nos discursos circulantes significa pensar uma redistribuição do poder simbólico.

O jornalismo das periferias

O jornalismo periférico é relativamente novo no Brasil, e isso se dá devido ao fato de que apenas muito recentemente populações periféricas terem acesso à universidade. O termo não abre janelas para ser pejorativo, pois, neste extrato do jornalismo alternativo, a produção não é menos profissional (em seus métodos, práticas e rotinas) que aquela do jornalismo de referência, propondo apenas uma cobertura construída a partir de uma outra perspectiva.

Nesse sentido, como aponta Martini (2018), o jornalismo alternativo – dentro do qual se situa o jornalismo periférico – difere do jornalismo hegemônico, fundamentalmente, pelas fontes ouvidas e pela forma como seleciona e hierarquiza as matérias (ou seja, pelo modo como maneja os valores-notícia do jornalismo), sem que isso signifique abrir mão de preocupações como o rigor na apuração e produção textual.

A diferença entre o jornalismo produzido pelos grupos dominantes e o jornalismo alternativo, segundo Carvalho e Bronosky (Ibidem), não é marcada exatamente pelo modo de fazer ou pelas técnicas produtivas, que são, na visão dos autores, por vezes similares. A distinção se dá pela hierarquização das informações e pela presença de determinadas vozes ou fontes. Tais escolhas passam pelo compromisso público assumido pelos produtores do jornalismo alternativo, cujo objetivo é apresentar aquilo que é omitido pela imprensa tradicional (ROVIDA, 2018, p. 56).

Nesse sentido, as principais singularidades do jornalismo periférico estão ligadas à forma como esses veículos se posicionam em relação a questões políticas e sociais. A maioria dos profissionais corresponde a jovens, o que favorece mudanças do ponto de vista estético/estilístico, sobretudo em conteúdos audiovisuais. A cobertura passa a ser muito mais local, ou seja, ocorre dentro dos próprios bairros, para que seus habitantes sejam representados sob ângulos distintos do jornalismo de referência, ângulos mais dignificantes e inclusivos, buscando-se assim o reconhecimento. Ao assumirem o

controle das narrativas produzidas sobre si, os atores sociais envolvidos na produção do jornalismo periférico conseguem ocupar outras posições nos discursos sociais: “Isolados do acesso a seus bens culturais e de consumo pela dificuldade de mobilidade urbana nos bairros distantes, vemos esses jovens tornarem-se ‘sujeitos de discurso’” (SOARES; VENZANZONI, 2020, p. 46). Assumindo por vezes os contornos de uma produção efetivamente comunitária, os veículos jornalístico periféricos oportunizam outras relações com as práticas de comunicação:

O jornalismo comunitário é, portanto, a oportunidade de proporcionar aos indivíduos uma cidadania mais ampla, no sentido de poder exercer seu direito a uma comunicação ativa; e não apenas passiva, como já acontece nos meios de comunicação de massa tradicionais, nos jornais de bairro e nos cadernos de bairro (TONASSO, 2021, p. 118).

Ao ser produzido pela periferia para a periferia, o jornalismo periférico ganha força a partir das inquietações de jovens jornalistas ou estudantes de jornalismo que habitam a periferia. Mas assim como o jornalismo de referência vem sendo precarizado, com a diminuição do número de profissionais dentro das redações e o aumento das demandas de trabalho que recaem sobre cada profissional, a produção alternativa também enfrenta os seus percalços – embora, nestes casos, os desafios econômicos se devam à escassez de recursos (e não aos interesses privados dos empresários de mídia). A remuneração é pouca, ou mesmo insuficiente, para que os jornalistas de baixa renda consigam se fixar num único emprego, dificultando, assim, a consolidação do cargo ou levando ao voluntariado. Em outras palavras, é preciso observar que, atualmente, “A precarização da área também atinge os coletivos e veículos independentes, que tentam recorrer a diversos tipos de financiamento para se manterem e continuarem com suas propostas iniciais de jornalismo contra-hegemônico” (PASTERNAK, 2021, p. 46).

Além disso, é importante enfatizar que a periferia não passa a ser pauta e tema de coberturas jornalísticas apenas com a recente expansão de veículos de jornalismo periféricos; antes disso, as periferias já eram objeto de matérias feitas por jornalistas de grandes veículos de referência, que, em geral, traziam um olhar “de fora” da periferia. Podemos citar, por exemplo, os casos dos programas policiais televisivos, que, com abordagem predominantemente sensacionalista, representavam (e representam) as periferias sob a exploração da criminalidade, da violência, da precariedade etc.

Assim, o jornalismo periférico destoa desse tipo de cobertura porque é naturalmente mais fácil e habitual falar de algo quando se está imerso no “lugar de fala” deste assunto. Djamila Ribeiro, autora do livro *O que é lugar de fala?*, faz alguns questionamento pertinentes para este tema:

Quantas autoras e autores negros o leitor e a leitora, que cursaram a faculdade, leram ou tiveram acesso durante o período da graduação? Quantas professoras ou professores negros tiveram? Quantos jornalistas negros, de ambos os sexos, existem nas principais redações do país ou até mesmo nas mídias ditas alternativas? (RIBEIRO, 2017, p. 64).

Pode-se dizer, portanto, que talvez a maior inovação do jornalismo periférico seja representar as periferias a partir do *lugar de fala* das periferias.

Alguns exemplos

Passando ao exame de alguns exemplos, é interessante iniciar pela comparação entre algumas matérias audiovisuais de jornalismo periférico e uma matéria telejornalística convencional produzida por uma grande empresa de comunicação. Para tanto, focalizamos casos relacionados à cobertura das eleições brasileiras de 2018.

No *Globo Comunidade - RJ*, programa exibido em 07 de outubro de 2018, dia de eleição de primeiro turno, faz-se um giro de passagem em várias regiões do estado do Rio de Janeiro, dando os principais dados dos perfis do eleitorado em questão como gênero, escolaridade, faixa etária etc. O programa questiona o que os eleitores esperam dos candidatos da época e revela, quando muito, o nome das fontes, sendo elas inúmeras, mas não sendo ouvidas de maneira aprofundada na reportagem. As figuras 1 e 2, mais adiante, mostram *frames* extraídos dessa matéria.

Na plataforma *Globoplay*, o conteúdo jornalístico dura 16’50’’ e conta com a participação de 10 jornalistas, incluindo o âncora do programa, e sete entrevistados. O conteúdo do programa não apresenta apenas a opinião dos eleitores, mas também a logística das eleições, a segurança das urnas, sigilo dos votos, regras do que pode ou não ser feito etc. Uma cobertura típica de dia de votação, que pode ser encontrada nas principais emissoras de TV a cada quatro anos. Como dito acima, a escuta das fontes se dá sem aprofundamento, de modo protocolar, com poucos segundos de entrevistas, baseando-se em perguntas mais genéricas como saber o porquê da chegada tão cedo aos

lugares de votação e a importância do voto. A reportagem é visivelmente bem montada, com uma quantidade grande de VTs, links, passagens e imagens captadas previamente.

Figura 1 – repórter da Rede Globo entrevista eleitor em matéria do *Globo Comunidade* – RJ durante as eleições de 2018



Fonte: Captura de tela/Globoplay.

Figura 2 – Eleitora concede entrevista ao *Globo Comunidade* – RJ durante eleições de 2018



Fonte: Captura de tela/Globoplay.

Por sua vez, o jornal periférico *Voz da Comunidade* (que surgiu em 2005, no Morro do Alemão, no Rio de Janeiro, tendo sido escolhido como exemplo a ser analisado neste trabalho justamente por ser um veículo periférico com mais de 15 anos de existência), também cobriu as eleições de 2018. Uma matéria realizada no dia da votação mostra a repórter posicionada em frente à escola Rubens Berardo, dentro da comunidade do Complexo do Alemão; ela entrevistou uma única fonte, numa conversa que durou 2'46''. A entrevistada é a jovem Verônica, que teve voz para falar e pede que as favelas tenham mais visibilidade. A repórter comenta sobre a crise econômica do estado, educação e a falta de emprego. A Figura 3, abaixo, mostra um *frame* da reportagem, extraída da página no *Facebook* do *Voz da Comunidade*:

Figura 3 - Repórter do *Voz das Comunidades* entrevista eleitora durante eleições de 2018



Fonte: Captura de tela/Facebook

Como segundo exemplo representativo do jornalismo periférico, citamos o caso do veículo *Nós, mulheres da periferia* (lançado em 2014, feito apenas por mulheres da periferia de São Paulo, por isso seu nome, característica que justifica a escolha deste veículo como objeto de interesse no presente trabalho). Neste caso, as reportagens feitas em cobertura das eleições 2018 não foram produzidas ao vivo, mas sim, antes das eleições, com entrevistas de mulheres, inclusive crianças, habitantes do Jardim Miriam (bairro de São Paulo). As entrevistas visibilizam demandas dessas mulheres, que

exigem dos políticos segurança, combate à desigualdade social e à crise econômica, além de condições básica de moradia, incluindo cama, geladeira, comida, banheiro etc. As figuras 4 e 5, abaixo, mostram *frames* de entrevistas captadas pelo *Nós, mulheres da periferia* no contexto das eleições de 2018.

Figura 4 – Entrevista de eleitora para o *Nós, mulheres da periferia* antes das eleições de 2018



Fonte: captura de tela/Youtube.

Figura 5 – Entrevista de criança para o *Nós, mulheres da periferia* antes das eleições de 2018



Fonte: captura de tela/Youtube.

Em todas as matérias que trouxemos como exemplo neste trabalho, há características jornalísticas em comum, das quais, destaca-se o fato de todas terem apuração, fontes, compromisso com a verdade. Mas as perspectivas e o público final são outros. Na reportagem da Rede Globo, a abrangência é estadual, pois o jornal em questão dirige-se à população do estado do Rio de Janeiro, cobrindo acontecimentos

inscritos nesse território; já no *Voz das Comunidades* e em *Nós, mulheres da periferia*, o público é infinitamente menor, pois se trata de uma população de bairro, porque é justamente um jornalismo periférico, que fala diretamente para essa população.

Além disso, o telejornalismo de referência, neste exemplo, não deu espaço para as fontes se manifestarem contra ou a favor dos vários candidatos; já no jornalismo de periferia, além de enfrentar todos os problemas sociais, os/as entrevistados/as se posicionam de maneira mais crítica, buscando afirmar seu lugar e seu espaço em meio aos discursos midiáticos.

Considerações finais

Este artigo buscou compreender como o jornalismo periférico vem moldando as formas não tradicionais de fazer jornalismo e produzir representação. Formas de apurar e dar voz àqueles que o jornalismo de referência não consegue alcançar. Estar imerso na periferia é ter liberdade de expressão e poder apurar pautas de uma perspectiva imersiva, como não encontramos em espaços tradicionais da cobertura jornalística.

Sobretudo, a liberdade de expressão está em evidenciar os problemas e pautas sociais que acontecem nas periferias e comunidades. Questões que no asfalto são esquecidas ou das quais sequer se tem conhecimento, que abarcam problemas com segurança, violência policial, saneamento básico, fome etc. O jornalismo periférico também se afirma como espaço de representações plurais, de afirmação da diversidade no espaço público, requisito para um debate público plural, inclusivo e, portanto, com maior potencial de assegurar o acesso à liberdade de expressão para diferentes grupos sociais, inclusive minorias historicamente marginalizadas.

Referências bibliográficas

BARENDT, Eric. **Freedom of speech**. Oxford: Oxford University, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2010.

GOMES, Mayra Rodrigues; CABRAL, Nara Lya S. C. Jornalismo: uma relação com opinião pública. **Rumores**, São Paulo, v. 5, n. 10, p. 1-17, jul./dez. 2011. Disponível em: http://www.rumores.usp.br/pdf/rumores10_1_mayra_nara.pdf. Acesso em: 26 Mar. 2021.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio: Forense Universitária, 2012.

GLOBO COMUNIDADE. Eleitores do RJ vão às urnas para eleger presidente, governador, senadores e deputados. **TV Globo**, 07 Out. 2021. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/7070803/>. Acesso em: 11 Ago. 2021.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. xxx

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

MARTINI, Mara Rovida. As periferias pelos periféricos: um fenômeno jornalístico contemporâneo. **Extraprensa**, São Paulo, v. 12, n. 1, p.50-65, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/149085/151708>. Acesso em: 11 Ago. 2021.

NÓS, MULHERES DA PERIFERIA. Moradores do Jardim Miriam falam sobre eleições 2018. **Nós, Mulheres da Periferia**, Youtube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=WcCtOUuTVCc>. Acesso em: 11 Ago. 2021.

PASTERNAK, Caroline. O custo da notícia: as relações de trabalho e estabilidade financeira dos coletivos de jornalismo da periferia de São Paulo. **Alterjor**, São Paulo, v. 1, n. 23, p.1-20. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/176824/168439>. Acesso em: 11 Ago. 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2019.

SOARES, Rosana de Lima; VENANZONI, Thiago Siqueira. “O mal-estar na representação: das lutas identitárias ao reconhecimento social”. In: SOARES, Rosana de Lima; GOMES, Mayra Rodrigues (Orgs.). **Narrativas Midiáticas: crítica das representações e mediações**. São Paulo: ECA-USP, 2020. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/download/555/491/1889-1?inline=1>. Acesso em: 11 Ago. 2021.

TONASSO, Giuliano. O jornalismo comunitário, a democracia e as identidades individuais e coletivas. **Alterjor**, São Paulo, v. 1, n. 23, p. 99-124, jan./jul. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/180243/168419>. Acesso em: 11 Ago. 2021.

VOZ NAS ELEIÇÕES, AO VIVO direto do Complexo DO Alemão - #VozNasEleições. **Voz da Comunidade**, Facebook, 07 Out. 2018. Disponível em https://www.facebook.com/watch/live/?v=2159364134331680&ref=watch_permalink. Acesso em: 11 Ago. 2021.

ZAMIN, Angela. Jornalismo de referência: o conceito por trás da expressão. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 2, n. 3, p. 918-942, set./dez.2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4955/495551017008.pdf>. Acesso em: 17 Mar. 2021.